

Prefácio

G. R. Elton, um estimado historiador de uma geração anterior, certa vez escreveu que “se há um fio que percorre toda a história da Reforma, é o efeito explosivo, renovador e frequentemente desintegrador da Bíblia”.¹ Este livro é a história, ou pelo menos parte da história, de como a Bíblia veio a assumir o papel central no movimento de reforma religiosa do século 16 que chamamos de Reforma protestante. Houve muitos movimentos reformistas baseados na Bíblia ao longo da história da igreja, começando com o monasticismo, no qual a Escritura tinha um papel preeminente na liturgia diária das horas. Mais perto da Reforma, a Bíblia também foi importante nos movimentos medievais posteriores de dissidentes – os lolardos, na Inglaterra; os hussitas, na Boêmia; e os valdenses, que se espalharam dos Alpes italianos para todos os cantos da Europa. Houve os Irmãos e Irmãs da Vida Comum, que copiaram, leram e ensinaram a Bíblia em suas muitas comunidades instaladas na Alemanha e nos Países Baixos. O antigo mito de que havia total ignorância da Bíblia no período compreendido entre a morte de Agostinho e o nascimento de Lutero foi desacreditado há muito tempo.

No entanto, houve algo único no modo como a Bíblia assumiu o lugar central no tempo da Reforma. Cerca de um século depois que o rei Henrique VIII permitiu que a primeira Bíblia com aprovação real fosse publicada em inglês, William Chillingworth, um católico que se tornou protestante apenas para, mais tarde, voltar para a Igreja de Roma, declarou, em 1638: “A Bíblia, somente a Bíblia, afirmo, é a religião dos protestantes”. Embora muita controvérsia envolva esta pequena palavra, *somente*, era manifestamente verdadeiro que a tradução e a disseminação das Escrituras tenham influenciado profundamente a vida espiritual de muitas pessoas. John Foxe fala sobre um fazendeiro que deu uma carroça cheia de feno por uma cópia da Carta de Tiago. E John Knox conta a história de um crente escocês que ficou tão animado por ter a Bíblia em inglês que deixava sua esposa sozinha

¹ G. R. Elton. *Reformation Europe, 1517-1559* (Nova York: Harper & Row, 1963), p. 52.

na cama à noite para ler seu estimado livro. E houve o incomparável John Bunyan, que perguntou: “Você nunca teve um outeiro de Mizar para lembrar? Você se esqueceu do estábulo, do celeiro e da luz, onde Deus visitou sua alma? Lembre-se também da Palavra – a Palavra, digo, sobre a qual o Senhor mandou que você colocasse sua esperança”.² Esses exemplos e muitos outros falam do efeito transformador da Bíblia sobre muitos que a leram avidamente pela primeira vez.

Seria fácil encontrar testemunhos semelhantes do poder e da influência da Bíblia em períodos anteriores da história da igreja. Porém, dois acontecimentos na alvorada da Reforma fazem com que a apropriação da Bíblia pelos protestantes seja mais abrangente do que tudo que tenha acontecido nos 1.500 anos anteriores. Um foi o advento da prensa tipográfica, que promoveu uma revolução nas comunicações comparável à que foi provocada pelo computador e pela internet em nossos dias. Na Idade Média, as Bíblias tinham de ser acorrentadas, não para impedir que fossem lidas, mas para impedir que fossem roubadas. As Bíblias eram caras e raras, e eram necessários vários meses para que uma cópia fosse feita à mão. A prensa tipográfica mudou isso quase da noite para o dia. No tempo da morte de Lutero, em 1546, é estimado que meio milhão de exemplares da Bíblia estavam em circulação. O outro acontecimento foi o “novo aprendizado” produzido pela redescoberta das línguas clássicas e pelo estudo crítico de fontes antigas. Isso tornou possível uma nova abordagem à erudição e à exegese bíblicas.

Nas páginas que se seguem, falaremos sobre as três tensões recorrentes que foram postas em evidência na compreensão reformada da Bíblia. Primeiro, há a questão da relação entre Escritura e tradição. Os reformadores insistiam que a Palavra tinha precedência sobre a igreja. Por causa disso, todas as decisões, decretos e tradições tinham de ser modelados pelo “critério adequado” da Escritura. Mas isso nunca foi simplesmente uma questão de Escritura *ou* tradição, escrito santo *ou* igreja santa. A suficiência da Escritura funcionava no contexto em que a Bíblia era considerada o livro dado à igreja, reunida e guiada pelo Espírito Santo. De muitas maneiras, a Reforma foi uma luta tanto a respeito dos escritos dos pais da igreja quanto a respeito da própria Escritura. Qual Ambrósio? Qual Agostinho? Por que Orígenes e não Crisóstomo? A questão da autoridade bíblica e da continuidade teológica ajudou a moldar a questão da identidade protestante na Reforma.

Outra tensão do período surgiu do desejo de tornar a Bíblia disponível a todos nas línguas comuns da época. Nessa questão, Erasmo e Lutero, e, de

² John Bunyan. *Grace abounding to the chief of sinners* (Londres: J. M. Dent and Sons, 1928), p. 5.

fato, alguns dos reformadores católicos, lutaram lado a lado. Iniciativas do início da Reforma foram orientadas pelo desejo de traduzir a Bíblia para o vernáculo, para que trabalhadores rurais, com seus arados e ordenhadeiras, com seus baldes, pudessem ter a Bíblia em suas mãos e lê-la com os próprios olhos. Logo ficou evidente, porém, que pastores e professores piedosos eram necessários para ensinar a interpretar a Bíblia de modo confiável. A velha piada era que, em Roma, havia um papa sentado sobre sete colinas, enquanto, na Alemanha, havia centenas de papas sentados sobre cada pequeno formigueiro, e a piada tinha verdade suficiente para assustar os protestantes. O desastre da Guerra dos Camponeses e o posterior fiasco do reino anabatista de Münster levaram os reformadores protestantes a desenvolver programas para formação pastoral e recursos teológicos para aqueles que fossem incumbidos de manusear a Palavra de Deus.

Uma terceira questão estava relacionada ao modo como a Bíblia era usada na vida e na adoração das igrejas protestantes, pois a Bíblia devia ser não somente lida, estudada, traduzida, memorizada e usada como fonte de meditação. Ela também devia ser personificada na pregação, no batismo, na Ceia do Senhor, nos cânticos, na oração e no serviço ao mundo. As distintas tradições da Reforma protestante frequentemente se desenvolveram a partir dos diversos modos como a palavra era personificada naquilo que podia ser chamado de prática da Bíblia.

É oportuno iniciar este livro com um hino que também é uma oração. Embora escritas em tempos modernos, estas palavras contêm o espírito da Reforma:

Graças a Deus, cuja palavra encarnada
veio salvar nossa raça humana.
Atos e palavras e morte e ressurreição
dão testemunho da graça do céu.
Deus falou:
louvem-no por sua palavra revelada.

Graças a Deus cuja palavra foi escrita
na página sagrada da Bíblia,
registro da revelação
que mostra Deus a todas as épocas.
Deus falou:
louvem-no por sua palavra revelada.

12 • Lendo a Escritura com os reformadores

Graças a Deus cuja palavra é publicada
nas línguas de todas as raças.
Vejam sua glória não diminuída
Pela mudança de tempo ou lugar.
Deus falou:
louvem-no por sua palavra revelada.³

³ [Thanks to God whose Word incarnate / came to save our human race. / Deeds and words and death and rising / testify to heaven's grace. / God has spoken: / praise him for his open word. / Thanks to God whose word was written / in the Bible's sacred page, / record of the revelation / showing God to every age. / God has spoken: / praise him for his open word. / Thanks to God whose Word is published / in the tongues of every race. / See its glory undiminished / by the change of time or place. / God has spoken: / praise him for his open Word.] As palavras desse hino foram escritas por Reginald Thomas Brooks (1918-1985). "Thanks to God whose Word was spoken", words: R. T. Brooks, ©1954, Ren. 1982 Hope Publishing Company, Carol Stream, IL 60188. Todos os direitos reservados. Usado com permissão.